



“EL MARXISMO DARÁ SALUD A LOS ENFERMOS”: IDEIA-CHAVE DA MEDICINA SOCIAL LATINO-AMERICANA

“EL MARXISMO DARÁ SALUD A LOS ENFERMOS”: IDEA CLAVE DE LA
MEDICINA SOCIAL LATINOAMERICANA

“EL MARXISMO DARÁ SALUD A LOS ENFERMOS”: KEY IDEA OF LATIN
AMERICAN SOCIAL MEDICINE

Diego de Oliveira Souza¹ 
Universidade Federal de Alagoas, Brasil

Resumo: Neste artigo, analisamos a tela “*El marxismo dará salud a los enfermos*” (1954), de autoria da mexicana Frida Kahlo. Metodologicamente, procedemos conforme a proposta de análise imanente, considerando a perspectiva estética lukacsiana. Iniciamos com uma breve descrição da trajetória de Frida, com destaque para a obra em análise. Em seguida, realizamos analogias com premissas da Medicina Social Latino-americana, destacando três aspectos decisivos da determinação social da saúde: o caráter ontológico, a natureza dialética e o horizonte político. Destacamos que, tanto na obra de Frida quanto nos principais autores da Medicina Social Latino-americana (ambos influenciados pelo marxismo), está presente a ideia-chave de que a saúde, no capitalismo, consiste em manifestação do antagonismo entre capital e trabalho. Essa ideia-chave representa, pois, a síntese entre singularidades, particularidades e universalidade; assim como a articulação orgânica entre as esferas biológica e social, o que pressupõe certo caráter político, no sentido das respostas que essa articulação suscita e do horizonte de transformação da saúde, em suas múltiplas dimensões.

Palavras-chave: Frida Kahlo; Marxismo; Medicina Social Latino-americana; Capitalismo.

Resumen: En este artículo analizamos la obra artística “*El marxismo dará salud a los enfermos*” (1954), producida por la mexicana Frida Kahlo. Metodológicamente, procedemos según la propuesta de análisis imanente, considerando la perspectiva estética lukacsiana. Comenzamos

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) e Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação de Professores da Universidade Federal de Alagoas. E-Mail : diego.souza@arapiraca.ufal.br

con una breve descripción de la trayectoria de Frida, haciendo hincapié en la obra analizada. Luego, hacemos analogías con premisas de la Medicina Social Latinoamericana, destacando tres aspectos decisivos de la determinación social de la salud: el carácter ontológico, la naturaleza dialéctica y el horizonte político. Destacamos que, tanto en la obra de Frida como en los principales autores de la Medicina Social Latinoamericana (ambos influenciados por el marxismo), está presente la idea clave de que la salud, en el capitalismo, consiste en la manifestación del antagonismo entre el capital y el trabajo. Esta idea clave representa, por lo tanto, la síntesis entre singularidades, particularidades y universalidad; así como la articulación orgánica entre las esferas biológica y social, lo que presupone un cierto carácter político, en el sentido de las respuestas que esta articulación suscita y del horizonte de transformación de la salud, en sus múltiples dimensiones.

Palabras clave: Frida Kahlo; Marxismo; Medicina Social Latinoamericana; Capitalismo.

Abstract: This article analyzes the work “*El Marxismo dará salud a los enfermos*” (1954), by the Mexican born Frida Kahlo. Methodologically, we applied the immanent analysis proposal based on the Lukacsian aesthetic perspective. We start with a brief description of Frida's trajectory emphasizing her abovementioned work. Next, we make analogies with premises of the Latin American Social Medicine, highlighting three decisive aspects of the social determination of health: the ontological character, the dialectic nature, and the political horizon. We emphasize that, both in Frida's work and in the main authors of Latin American Social Medicine (both influenced by Marxism), the key idea that health, in capitalism, consists in the manifestation of the antagonism between capital and labor. This key idea represents, then, the synthesis between singularities, particularities, and universality as well as the organic articulation between the biological and social spheres, which presupposes a certain political character, in the sense of the answers that this articulation raises and the horizon of health transformation, in its multiple dimensions.

Keywords: Frida Kahlo; Marxism; Latin American Social Medicine; Capitalism.

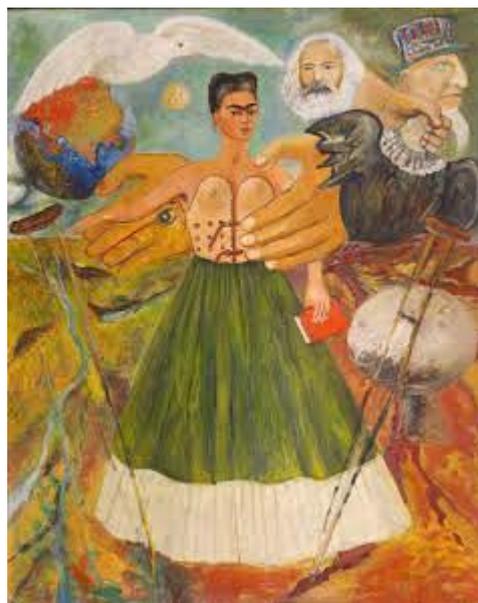
DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.206201](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.206201)

Recebido em: 22/12/2022
Aprovado em: 23/06/2023
Publicado em: 30/07/2023

1 Introdução

“*El marxismo dará salud a los enfermos*” é uma pintura em tela de 1954, de autoria de Frida Kahlo (1907 – 1954) – ver Figura 1. A obra é um dos vários autorretratos que a mexicana pintou ao longo de sua carreira artística, com as características peculiares de sua fase tardia, quando se destaca o caráter crítico às questões de seu tempo. Convém destacar que a prática de se autorretratar marca a obra de Frida face a uma relação peculiar com o próprio corpo e, mais especificamente, uma forma de lidar com as feridas e o sofrimento que lhe são patentes (RICO CERVANTES, 2004).

Figura 1 – Frida Kahlo. *El marxismo dará salud a los enfermos*, 1954.



Fonte: Museu Frida Kahlo, Ciudad de México, (óleo sobre tela, 76x61 cm).

Fotografia retirada de *Google Arts & Culture*².

Para Vargas García (2022), desde um ponto de vista psicanalítico, a centralidade do corpo nas obras de Frida demarca o processo de consubstanciação da identidade da artista no seu ato criativo, porquanto

² Disponível em:

<https://artsandculture.google.com/asset/marxism-will-give-health-to-the-ill/HAFIPnYYixEWA?hl=es>. Acesso em: 12 abril 2023.

seja reflexo de um corpo reimaginado, que figura potente mesmo que expresse, estética e concomitantemente, o sofrimento de seu corpo real. Essa condição revela a dialética entre o real e a arte, tão presente na obra de Frida, inclusive na forma como a artista se vê, pois o que poderia ser entendido como um ensimesmamento, consiste em uma relação entre ela e um outro, entendido como um ente universal.

Rico Cervantes (2004) explica esse caráter, já que o corpo Frida, preso durante quase toda a vida em uma cadeira de rodas, converte-se no único veículo pelo qual ela pode enxergar o mundo. Macedo (2008) corrobora ao destacar que o grave acidente ocorrido com Frida em 1925, deixou-lhe graves lesões responsáveis pela realização de cerca de 34 cirurgias ao longo da vida, dores permanentes e a impossibilidade de andar. A autora salienta que, para além disso, a história de doenças se constituiu como a via de acesso da artista à realidade, caráter reproduzido em sua obra e que, de alguma maneira, exerce a função de ressignificação do seu sofrimento e, portanto, do próprio mundo (MACEDO, 2008).

O corpo de Frida se transforma em “palavra anatômica” que organiza o reflexo artístico do mundo real (RICO CERVANTES, 2004, p. 25), como se pode constatar em diversas de suas telas, a exemplo de *La columna rota* (1944), *El círculo* (1950), *Primera prueba en Detroit* (1963) e, também, na obra em análise neste artigo. Através da análise da relação entre o corpo e o mundo, Rico Cervantes (2004) reconhece o caráter ontológico (desde o prisma fenomenológico de Merleau Ponty) subjacente ao trabalho de Frida, já que nele se reproduz a ideia de que o corpo é a via de verificação da existência do mundo como algo anterior a qualquer reflexão, que “estar aí”, dado, embora seja passível de apreensão e transformação na experiência singular.

É importante destacar que a obra de Frida ganha notoriedade após a sua morte, mais precisamente na década de 1970, quando começou a ser estudada por historiadores e militantes, em especial afeitos ao feminismo e movimento LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e *queer*), uma vez que tratou, de forma recorrente, de

questões que fazem parte da pauta desses movimentos (MACEDO, 2008). Segundo Amezcua (2004), mais recentemente, Frida foi popularizada pelo universo cinematográfico e por outros veículos midiáticos, sendo que, muitas vezes, confere-se maior visibilidade à sua vida amorosa (seu relacionamento com o famoso pintor mexicano Diego Rivera é sempre enfatizado), à sua sexualidade e à sua militância política. Todavia, o autor destaca que, o fio condutor que permite entender a várias dimensões da vida complexa de Frida está na sua obra, uma vez que a representação dela mesma é o objeto central de suas criações.

Hoje, a produção artística de Frida é considerada uma obra heterogênea, complexa, mas de cunho popular. Nela, estão compilados traços da arte de vanguarda europeia, do comunismo e do feminismo, mesclados com elementos da cultura popular mexicana e a latino-americana em geral³, o que lhe permite dialogar com diversas culturas, sem perder sua identidade. Pode-se dizer, inclusive, que Frida, mesmo pós-morte, tem contribuído para que a cultura mexicana e a língua espanhola (em sua vertente latino-americana) tenham se tornado cada vez mais internacionais, devido ao interesse e estudo de sua obra (AMEZCUA, 2004; PACHECO, 2019).

Especificamente na obra analisada neste artigo, Frida traz uma crítica que coaduna sua visão de mundo (consubstanciada desde uma perspectiva comunista) e as questões particulares que marcaram a sua vida pessoal. Isso porque, por um lado, o contexto trazido na tela diz respeito ao caráter destrutivo⁴ da sociedade capitalista em geral e, por outro, como isso se particularizou em sua vida pessoal, marcada por problemas de saúde. A tela de Frida reflete, estética e profundamente, esse caráter, apontando o horizonte que deve ser perseguido por aqueles que

³ A cultura latina está presente desde as vestimentas utilizadas pela sua figura retratada em algumas telas, até o sincretismo religioso que marca os países latino-americanos, com predominância do ideário religioso cristão. Para alguns, é possível observar nas telas de Frida uma ideia religiosa de redenção pelo sofrimento, embora a autora seja atea (RICO CERVANTES, 2004). Algumas telas trazem elementos cristãos em evidência. Por exemplo, de acordo com Amezcua (2004), a obra *Autorretrato con collar de espinas* (1940) traz Frida com uma coroa de espinhos em alusão à coroa colocada em Jesus Cristo no dia da crucificação.

⁴ Segundo Mészáros (2009), o caráter destrutivo do capital se expressa na degradação do trabalho, da natureza e, portanto, da sociedade em seu conjunto.

lutam por saúde (no âmbito individual e coletivo): a superação do capitalismo⁵.

Por ora, destacamos que essa ideia-chave está representada a partir de algumas nuances da tela e, por conta disso, dialoga com o mote teórico⁶ do que veio a ser chamado, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, de Medicina Social Latino-americana, conforme será demonstrado na seção seguinte. Trata-se de um movimento teórico-científico posterior às contribuições de Frida, mas que converge com a sua obra no que diz respeito ao ponto fulcral da análise da saúde enquanto processo social. Por conta disso, apresentamos esse breve texto, com o objetivo de analisar a obra *“El marxismo dará salud a los enfermos”*, depreendendo analogias com as premissas da Medicina Social Latino-americana.

Essa convergência de ideias-chave e, sobretudo, a contundente presença do reflexo dialético de um corpo “enfermo” na obra de Frida, justifica o interesse de um estudo inserido na área da Medicina Social Latino-americana/Saúde Coletiva. Embora alguns dos estudos sobre a obra de Frida tenham destacado a importância da questão do corpo enfermo no trabalho da mexicana, a articulação direta com o campo da Medicina Social Latino-americana se coloca como uma abordagem original nesse âmbito, que pode consubstanciar um intercâmbio fecundo para os dois campos: o interesse da Medicina Social Latino-americana sobre os trabalhos de Frida, pode contribuir para ampliar as análises artísticas; assim como as análises artísticas que incorporam a temática da saúde convergem e fortalecem os pilares da Medicina Social Latino-americana.

Metodologicamente, procede-se com uma análise imanente da tela de Frida, consoante a proposta de José Chasin. Lessa (2011) explica que essa

⁵ Não obstante, esta articulação entre a convicção política e a análise mais profunda da saúde consiste em um dos aspectos centrais a serem recuperados ao longo deste artigo, quando desenvolvermos a análise de forma mais sistemática.

⁶ Esse mote teórico consiste, justamente, na ideia de que a transformação substancial do processo saúde-doença depende da transformação da sociedade (logo, da superação do capitalismo). Esse mote se constituiu sobre alguns pilares teórico-metodológicos, que são nosso objeto de discussão na próxima seção. Por ora, convém adiantar que esses pilares estão sintetizados no entendimento da saúde como processo determinado socialmente, somente possível de ser explicado através da articulação entre os casos singulares (a exemplo do corpo individual) com o processo universal (repleto de particularidades) que lhe rodeia. Para decifrar essa relação, a Medicina Social Latino-americana se aproximou de categorias teórico-metodológicas do marxismo, a exemplo da *contradição* como mediação dialética e a ideia de *trabalho* (processo de trabalho) como fundamento da sociedade.

proposta está em consonância com as premissas do materialismo histórico-dialético, porquanto respeite a existência objetiva do texto analisado – em vez de um texto, pode ser uma outra forma de expressão, considerando sua estrutura categorial e argumentativa própria. Obviamente, o sujeito que se apropria do texto, busca decifrar essa estrutura interna e, ao fazê-lo, estabelece conexões e confrontos com aquilo que é externo ao texto, de onde se consubstancia a análise. Portanto, analogamente ao caso dos textos, as obras de arte podem ser analisadas em sua estrutura interna, imanente, considerando a perspectiva estética de Lukács, para quem o reflexo estético se desenvolve no marco da realidade material e, por conseguinte, capta o *hic et nunc* (o aqui e agora), refletido sob a forma de arte (SANTOS, 2017).

Nessa perspectiva, a arte apresenta uma estrutura própria que reflete dadas circunstâncias históricas. Portanto, no ato da análise de uma obra de arte, é peremptória a capacidade de ir e vir entre a sua estrutura interna e o processo histórico ali refletido. Como demonstrou Lukács (2012), o método marxiano se sustenta justamente na ideia de “ida e volta”, na busca de articular singularidades, particularidades e universalidade sintetizadas nos objetos analisados. No movimento de ida, apenas é possível dizer o que o objeto não é, desconstruindo-o – momento no qual se depreendem as nuances de sua estrutura interna –, mas é no caminho de volta que se torna possível a reconstrução do objeto, a partir de sucessivas analogias com a realidade mais ampla e externa ao objeto, aproximando-se do que ele é em si, essencialmente.

Neste artigo, no momento de ida, busca-se apreender os elementos da tela que sustentam a ideia-chave pressuposta desde o título da obra e aqui já mencionada. Com isso, pode-se percorrer um caminho de volta, (re)analisando a obra mediante analogias ante o contexto histórico em que foi produzida, assim como se faz possível o diálogo com os estudos realizados sobre contextos/realidades semelhantes em outras áreas ou atividades humanas. No caso deste artigo, o diálogo se dá com a Medicina

Social Latino-americana ou, ao menos, com a ideia-chave apreendida a partir das análises dos seus autores pioneiros.

Como método de exposição, optou-se por apresentar duas seções. Primeiro, trazemos uma síntese dos pilares teórico-metodológicos e principais autores da Medicina Social Latino-americana, como uma espécie de prelúdio à análise propriamente dita, apresentada posteriormente. Na seção seguinte, a análise realizada depreende três aspectos da tela de Frida que são de interesse para a analogia pretendida, concretizando-se o diálogo com a Medicina Social Latino-americana.

2 A Medicina Social Latino-americana

O reconhecimento da relação entre saúde e sociedade já vinha presente em diferentes perspectivas da Saúde Pública⁷, desde aquelas que tomam o social como fator objetivo quantificável até aquelas que entendem o social como produto dos comportamentos individuais. O debate avança com a Medicina Social na Europa, no século XIX e início do século XX, quando a observação das condições sociais dos bairros mais pobres no bojo da industrialização revela fatores importantes para o estado de saúde daquelas populações. Nessa corrente, podemos mencionar pesquisadores como Louis Villermé (1782 – 1863) na França, John Snow (1813 – 1858) na Inglaterra ou Rudolf Virchow (1821 – 1902) na Alemanha, todos eles buscando compreender a face social da saúde (NUNES, 1998).

Apesar de suas importantes contribuições, a Medicina Social tradicional não alcançou o âmago das contradições sociais que se particularizam no processo saúde-doença, por vezes, naturalizando o antagonismo da sociedade que produz riqueza como nunca, ao mesmo tempo em que produz, na mesma proporção, pobreza, doenças e morte. Esse patamar de reflexão e teorização só veio à tona com a Medicina Social

⁷ Esse campo científico é tradicionalmente conhecido como Saúde Pública. Somente após o movimento crítico inaugurado pela Medicina Social Latino-americana, surge a denominação Saúde Coletiva, embora coexistindo com a nomenclatura conservadora (PAIM; ALMEIDA-FILHO, 1998).

de países inseridos nessa lógica contraditória de forma desfavorecida e, por isso, com problemas sociais exponenciados – a exemplo da fome, desemprego, dependência econômica internacional, ausência de saneamento, segurança e educação –, inclusive no âmbito sanitário. Mais especificamente, a Medicina Social Latino-americana, a partir das décadas de 1960/1970, começa a descortinar a relação entre produção/reprodução capitalista e saúde.

O contexto histórico de alguns cientistas, médicos e outros profissionais de saúde de países latino-americanos favoreceu a tomada desse caminho, haja vista o fato de que, também, já havia um capitalismo mundialmente amadurecido, com suas contradições bem estabelecidas, o que se refletia de forma desigual e combinada por todo o mundo. Nos países dependentes, como ocorre na América Latina, o nível de desemprego, fome, miséria, problemas de saúde e educação etc. ganhava contornos trágicos ante a corrida capitalista por desenvolvimento. No caso da saúde, assistia-se homens e mulheres pauperizados, cada vez mais doentes, com a mortalidade infantil em ascensão e sistemas de saúde incapazes de atuarem para além da mitigação de danos, até porque estavam totalmente imbricados em uma lógica mercadológica.

O horizonte de transformação social e, conseqüentemente, de transformação dos serviços/práticas de saúde foi um dos fatores contributivos para a formação de uma nova corrente de pensamento, que se distanciou radicalmente da Saúde Pública e, inclusive, da Medicina Social tradicional. Esse horizonte acentuou o diálogo de alguns cientistas da saúde com as Ciências Sociais e a Filosofia, notadamente as de matrizes marxistas⁸. Desse diálogo se consubstanciou o ponto central das origens do

⁸ Coelho e Almeida-Filho (1999) apontam a influência da concepção de normal e patológico de Georges Canguilhem em boa parte dos teóricos da Medicina Social Latino-americana. Argumentam, inclusive, que o marxismo utilizado é aquele filtrado desde Canguilhem, quando alguns autores não citavam diretamente Marx como forma estratégica de contornar a repressão das ditaduras militares da época. De fato, há alguma influência de Canguilhem, sobretudo com a ideia de rejeitar a dicotomia entre normal e patológico, uma vez que a norma é dinâmica e, portanto, diz respeito à capacidade do indivíduo se adaptar. Isso fica bem evidente na categoria “modos de andar a vida” em Tambellini (1975). Assim, ainda segundo Coelho e Almeida-Filho (1999), a existência de um normal patológico lança luz para o entendimento da saúde como resultado da luta de forças opostas. Porém, constatamos que a Medicina Latino-americana ultrapassa a discussão mediada por Canguilhem, referenciando diretamente Marx e rompendo os limites de uma suposta normatividade à mercê do indivíduo, alcançando a esfera da determinação social/coletiva, para a qual a categoria “processo de trabalho”, de Marx, é peremptória. Diga-se de passagem, Coelho e Almeida-Filho (1999) estendem a ideia de marxismo indireto,

novo campo teórico, qual seja: a relação entre processo de trabalho (e processo de produção) e saúde⁹.

Essa relação esteve no centro dos debates de autoras pioneiras nesse campo, a exemplo da brasileira Anamaria Testa Tambellini (1975) e da mexicana (naturalizada) Asa Cristina Laurell (1982). Essas autoras, guardadas importantes diferenças entre elas, partiram da categoria trabalho em Marx¹⁰, enquanto processo que transforma o mundo e, ao mesmo, permite a autotransformação humana. Mais à frente, Asa Cristina Laurell escreveu, com o também mexicano Mariano Noriega, uma obra fundante do campo da Saúde do Trabalhador, “Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário” (LAURELL; NORIEGA, 1989), quando deram eminência à questão de classe, porquanto a saúde da classe trabalhadora passa a refletir, diretamente, o processo de produção de capital. Já Tambellini (1975) foi tecendo essa relação por outras vias, fazendo a discussão sobre o território (organizado para a reprodução social do capital), mediação decisiva na determinação da problemática dos acidentes de trânsito, conforme defendeu em sua tese de doutorado “Contribuição à análise epidemiológica dos acidentes de trânsito”¹¹.

Aliás, é preciso dizer que essa corrente teórica reconstrói, inclusive, o campo da Epidemiologia, tarefa para qual a principal contribuição veio do grupo de Quito¹², no Equador, com destaque para Jaime Breilh (1989).

sobretudo via Canguilhem, para a obra de Laurell e Noriega (1989). Todavia, essa constatação é um equívoco dos autores. Em nossa análise de Laurell e Noriega (1989), registramos referências diretas aos escritos de Marx, sobretudo a versão de *O capital* publicada no México pela editora *Siglo XXI*. Por outro lado, não há referência direta a Canguilhem na obra de Laurell e Noriega (1989), mas apenas uma incorporação da categoria “modos de andar a vida” via Tambellini (1975). Note-se, inclusive, que a discussão sobre o normal que subjaz os “modos de andar a vida” é criticada por Laurell e Noriega (1989) e classificada como uma “robinsonada”. Para esses autores, os “modos de andar a vida” são características das coletividades e, não, dos indivíduos, pois a ideia de o indivíduo que enfrenta sozinho um mundo natural, sobrevivendo graças à sua capacidade de se adaptar (estabelecer uma nova normatividade), só teria lugar, talvez, nos escritos de Daniel Defoe. Cf. Laurell e Noriega (1989, p. 99-101).

⁹ Pode-se considerar que esta ideia sintetiza o fundamento teórico da Medicina Social Latino-americana: a apropriação da categoria trabalho em Marx e, conseqüentemente, a articulação entre produção e reprodução social para explicar o processo saúde-doença. Obviamente, este último processo também é concebido como algo genuinamente social. Mais à frente, essa ideia vai sendo retomada com os principais argumentos dos autores pioneiros na área.

¹⁰ Cf. Marx (1988a), capítulo V.

¹¹ O debate aqui proposto visa recuperar as origens da Medicina Social Latino-americana, o que explica o uso das referências fundantes do campo nas décadas de 1970 e 1980. Atualizando o debate, podemos sugerir a leitura de Souza (2019), uma vez que amplia a perspectiva de Laurell e Noriega (1989), ao localizar as raízes da degradação da saúde dos trabalhadores no modo de produção, dinamizado por suas transformações contemporâneas. No campo da discussão ambiental/territorial, a discussão de Tambellini (1975) é revitalizada em Miranda (2012), embora com maior foco na crise ambiental provocada pelo capitalismo e seus efeitos na saúde humana.

¹² *Centro de Estudios y Asesoría en Salud (CEAS)*.

Diferentemente da Epidemiologia tradicional, o autor desenvolve uma análise da distribuição das doenças a partir da ideia de centralidade das classes sociais, defendendo que a epidemiologia, para ser emancipadora, deve adquirir uma identidade contestatória. Isto é, para além de descobrir os determinantes da saúde (fatores quantificáveis), deveria entender o processo de produção desses supostos fatores, considerando um amplo processo de determinação social, arraigado no antagonismo de classes¹³.

Outro importante nome na difusão das ideias da Medicina Social Latino-americana foi Juan César Garcia. Esse argentino, consultor da Organização Panamericana de Saúde (OPAS), foi responsável por estimular mudanças no ensino da Medicina nos países da América Latina. Impulsionado por missões financiadas pela OPAS, conseguiu contribuir para a introdução da nova corrente nas Universidades de alguns países, a exemplo do Brasil, convergindo com os interesses de transformação dos sistemas de saúde daqueles países (NUNES, 2015)

Convém destacar que, antes mesmo da atuação de Garcia mais voltada à transformação do ensino da Medicina, ele foi pioneiro em realizar o debate da prática médica como reflexo das relações estruturais da sociedade, com ênfase para a estrutura econômica (NUNES, 2015). Essa preocupação, forjada no bojo de um pensamento marxista na área da saúde, também esteve presente no Brasil, nas obras pioneiras de Maria Cecília Donnangelo, em especial na sua tese de doutorado publicada como livro em Donnangelo e Pereira (1976) e, posteriormente, na obra de Ricardo Bruno Mendes-Gonçalves, discípulo de Donnangelo, com uma tese defendida em 1986 sobre a tecnologia e a organização social do trabalho médico (MENDES-GONÇALVES, 1994)¹⁴.

¹³ Atualmente, esse debate está vívido nas críticas à forma positivista de entender aquilo que a epidemiologia tradicional chama de determinantes sociais da saúde. Para a Saúde Coletiva, essa proposta não passa de uma fragmentação mecânica do que Breilh (1989) chamou de determinação social da saúde, fazendo com que as contradições do capitalismo que estão por trás do processo saúde-doença sejam naturalizadas nas análises (CARMONA MORENO, 2020; SOUZA, 2020). Esse caminho positivista de entender a relação entre saúde e sociedade também distorce a ideia de saúde como processo social (ideia cunhada por Laurell, 1982), pois assume uma noção de "social" como algo desprovido de contradições, objeto positivo.

¹⁴ No debate sobre trabalho em saúde, Emerson Merhy deu sequência aos estudos de Cecília Donnangelo e Luiz Pereira (1976) e Ricardo Bruno Mendes-Gonçalves (1994). Mantendo o referencial marxista, Merhy (2007) analisa a práxis da saúde pela mediação das categorias marxianas do trabalho morto e do trabalho vivo, alçando o entendimento das tecnologias em saúde para além dos instrumentos que representam a noção convencional de tecnologias – produtos palpáveis fruto de trabalho anterior (morto).

Entre esses autores¹⁵ há em comum a forma de conceber o trabalho médico desde a perspectiva marxiana de trabalho, portanto, como práxis social que, no capitalismo, está inserida no processo de produção antagonizado pelas classes sociais fundamentais: burguesia e trabalhadores. Nesse horizonte, negam a existência de uma medicina neutra, entendendo-a desde a divisão do trabalho do tipo capitalista, assim como rechaçam a perpetuação da prática curativista sobre os corpos reduzidos à sua anátomo-fisiologia. Para além disso, vislumbram intervenções sobre as necessidades de saúde (consubstanciadas socialmente) e a transformação societária como chave do enfrentamento dos problemas de saúde.

Em síntese, para entender a saúde para além de sua manifestação biológica e individual, ficou demonstrado que era preciso entender, primeiro, como as coletividades satisfazem ou não suas necessidades e, com isso, como a saúde reflete as relações sociais. Ao se debruçarem sobre essa dinâmica, *grosso modo*, os autores da Medicina Social Latino-americana desvelaram como o antagonismo de classe se metamorfoseia em uma questão insolúvel, representada pela contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e a desigualdade das relações sociais de produção. Todo o conjunto social (incluam-se cultura, educação, política, arte etc.) que se desdobra dessa contradição, consubstancia suas próprias contradições que, direta ou indiretamente, afetam a saúde. Portanto, seja em processos de desgaste no trabalho em si, ou na reprodução social para além do trabalho, a saúde humana (sobremodo, da classe trabalhadora) é degradada pelo capital.

Esse processo de determinação social comparece de forma pujante em várias manifestações intelectuais da América Latina. Não por um acaso, Frida Kahlo conseguiu apreendê-lo esteticamente, trazendo à tona reflexões muito próximas das apresentadas pelos teóricos da Medicina Social Latino-americana, inclusive antes mesmo desse movimento eclodir.

¹⁵ Referimo-nos aos autores citados, que estão entre os pioneiros da Medicina Social Latino-americana, como Anamaria Tambellini, Asa Cristina Laurell, Mariano Noriega, Jaime Breilh, Cecília Donnangelo e Ricardo Bruno Mendes-Gonçalves.

Ressaltamos que, nesta seção, apenas apresentamos a ideia-chave da Medicina Social Latino-americana, consubstanciada a partir de sua aproximação com a teoria de Marx. Por isso mesmo, acreditamos que o título da obra de Frida vem a calhar para sintetizar essa ideia-chave, pois os teóricos dessa vertente, ao menos em suas origens, estariam de acordo de que o marxismo dará saúde aos doentes. Os porquês e as formas como o marxismo pode contribuir para tal, estão diluídos em uma vasta produção teórica dessa corrente, que se perpetua, de alguma forma, aos dias de hoje, através da Saúde Coletiva de viés crítico¹⁶. Porém, algumas dessas contribuições podem ser apreendidas da tela de Frida, sobremaneira em três aspectos da determinação social saúde, conforme debatemos a seguir.

3 O caráter ontológico, dialético e político de “*El marxismo dará salud a los enfermos*”

Defendemos que a teoria marxiana tem um caráter ontológico, clarividente na máxima “[...] toda ciência seria supérflua se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente” (MARX, 1988b, p. 253). Portanto, como demonstrou Lukács (2012), Marx buscou, diuturnamente, demonstrar qual era a essência do capital, sem ignorar sua expressão imediata, mas indo para além dela. Claro que não se trata de uma ontologia metafísica e especulativa, como foram algumas filosofias na Antiguidade e Idade Média (TONET, 2013). Ao contrário disso, é uma ontologia radicalmente histórica, porquanto entenda que a essência dos objetos de análise é constituída nas relações sociais, históricas e dialéticas.

Também defendemos que alguns autores da Medicina Social Latino-americana e, posteriormente, da Saúde Coletiva – que foram buscar a teoria de Marx para entender a saúde – possuem uma impoção ontológica em suas análises, ainda que não as apresentem com esses

¹⁶ O campo da Saúde Coletiva é um desdobramento histórico da Medicina Social Latino-americana, sobretudo a partir da experiência brasileira no bojo do movimento pela Reforma Sanitária, década de 1980, incorporando outras disciplinas científicas, profissões da saúde e movimentos sociais (PAIM; ALMEIDA-FILHO, 1998).

termos. Isso porque, com diferença entre eles, esses autores circulam em torno da ideia-chave que apresentamos alhures, com a manifestação biológica e individual da saúde sendo determinada, no capitalismo, por um processo social mais amplo, forjado no antagonismo entre capital e trabalho. A nosso ver, trata-se de uma viagem metodologicamente dialética, que parte do superficial para o profundo e volta à superfície, reconstruindo-a, pois conecta o singular ao universal, desvendando as diversas particularidades dessa conexão (SOUZA, 2019).

“El marxismo dará salud a los enfermos” compartilha dessa postura metodológica. Frida está no centro da tela, com as muletas e o colete que passaram a lhe acompanhar após o acidente já mencionado. Portanto, a artista mexicana traz sua condição de saúde, seu corpo enfermo, para o interior da análise estética que desenvolve: é um ponto de partida; um caso singular que coaduna os aspectos fenomênicos mais eminentes do processo analisado. Por trás dessa singularidade, há um pano de fundo repleto de elementos que lhes exercem determinação. O pano de fundo representa os elementos mais profundos, essenciais, que se conectam à faceta fenomênica mais imediata do primeiro plano e, assim, compõem um processo ontologicamente constituído.

Já fizemos menção à centralidade do corpo enfermo na obra de Frida, inclusive como forma de retratar a experiência que consubstancia o caráter ontológico da existência do mundo, consoante a análise de Rico Cervantes (2004) baseada na fenomenologia de Merleau Ponty. Contudo, convém registrar algumas diferenças entre essa ontologia – na qual se sobressai a experiência para definir a *o ser-aí* – e a ontologia lukacsiana-marxiana, agora evocada à análise. Na ontologia de Lukács, baseada em Marx, o ponto central é a busca por entender a essência da realidade, consubstanciada pela articulação entre universalidade, particularidade e singularidade, em uma relação que é sempre contraditória, como uma unidade heterogênea e histórica.

Lembremos que a relação fenômeno e essência, na ontologia lukacsiana-marxiana, escapa dos reducionismos que atribuem à primeira o

status de esfera do falseamento do ser, enquanto a segunda teria um caráter mecânico de determinação imutável. Ao contrário, tanto fenômeno quanto essência são constituintes do ser, como também são mutáveis porque históricos. A diferença está no predomínio da continuidade ou da diferença, uma vez que, enquanto a esfera fenomênica coaduna aqueles elementos de menor continuidade, logo mais fugazes, a esfera da essência se constitui de elementos mais duradouros, logo contínuos (LESSA, 1999). Então, apenas o “laboratório” do processo histórico – o que implica ir além da experiência singular – pode lançar luz a essa relação, revelando o que marca a espiral histórico-ontológica dos processos sociais tomados para análise e transformação pelos sujeitos, também históricos.

Nessa perspectiva, Frida traz aqueles elementos mais duradouros e universais de seu tempo, representados pela polarização mundial da época, com destaque para países “comunistas” no lado esquerdo da tela (China e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS), pintados de vermelho em um globo terrestre e, do outro lado, os Estados Unidos da América (EUA), representados pela águia com cabeça de Tio Sam. A obra indica qual deve ser o horizonte perseguido diante dessa dicotomia, pois coloca uma pomba branca, em geral associada à esperança e à paz, ao lado dos países comunistas e, do outro lado, a cabeça de Marx, da qual brota uma mão que enforca a águia que possui cabeça de Tio Sam. Fica clara a alusão à potência intelectual do fundador do marxismo e da perspectiva revolucionária que dele se desdobra. Inclusive, a própria Frida, na tela, segura um livro vermelho na mão esquerda, representando uma obra da literatura marxista.

Em que pese as experiências do “socialismo real” terem se distanciado do horizonte comunista tal qual concebido na perspectiva marxiana, deparando-se com diversas limitações objetivas e subjetivas para a sua plena efetivação, as quais não nos ocuparemos aqui¹⁷; é mister destacar o claro posicionamento de Frida, sobretudo sua convicção de que o comunismo pudesse salvar os enfermos dos males capitalistas. Esse

¹⁷ Para uma análise dos limites das experiências do “socialismo real”, Cf. Mészáros (2009).

posicionamento da autora não perde o mérito por ser influenciado pelas contingências e distorções conjunturais de sua época.

Notemos, portanto, que se trata de uma análise que vai além do caso singular da própria autora. O pano de fundo da tela é de caráter genuinamente social, embora esteja em determinação dialética com um fenômeno biológico e individual. A crítica de Frida é sobre o caráter universalmente destruidor do capitalismo, que precisa ser combatido e tem no marxismo a força teórico-prática para tal. Por se tratar de problemática universal, a tela faz alusão ao conjunto dos enfermos, que só tem a ganhar quando quebrados os grilhões do modo de produção vigente.

Nesse ponto, concordamos com a relação dialética apontada por Rico Cervantes (2004), pois a obra de Frida representa a si mesma como mediação para explicar um outro universal. No bojo dessa mediação, fica patente o papel da expressão artística do corpo enfermo como forma de enfrentar o sofrimento, inclusive no sentido de uma cura coletiva, catártica. Nesse ponto, há uma convergência para o que Amezcua (2004) chamou de estética do padecimento, na qual o caso particular de Frida é expressão genuína de um mundo que padece. A nosso ver, esses argumentos válidos para o conjunto da obra de Frida se amplificam na tela específica em análise, uma vez que a arte como via de cura coletiva aponta, claramente, para uma solução (de caráter universal, para além da situação do corpo singular), através do marxismo como força capaz de superar o capitalismo.

Esse vai-e-vem entre singular e universal, através de mediações particulares, é um pilar metodológico da teoria da determinação social da saúde. Vejamos nas palavras de Breilh (2013, p. 20):

A determinação social vai e vem dialeticamente entre as dimensões geral, particular e singular: reproduz-se do geral ao particular e gera-se do particular ao geral. Nesse processo se dão as formas de subsunção nas quais os processos de dimensão mais simples se desenvolvem subsumidos aos mais complexos e, então, aparece que a relação social-natural, ou social-biológico ocorre como um

movimento entre partes de um todo concatenado, que é a natureza¹⁸ (trad. livre).

Não se pode perder de vista que esse movimento é dialético. Enquanto processo histórico, a realidade social, para Marx, só pode ser resultado da síntese de contradições; e esse caráter se reproduz nos seus complexos parciais (LUKÁCS, 2012). Com a saúde não é diferente, pois sua natureza é eminentemente dialética, processual. Embora a Medicina hegemônica tenha vencido ideologicamente com a ideia de que a saúde é a ausência de doença e, por consequência, as práticas de saúde se constituem enquanto técnicas biologicamente fundamentadas, a Medicina Social Latino-americana contribuiu para a crítica dessa ideia. Para Laurell (1982, p. 8):

A melhor forma de comprovar empiricamente o caráter histórico da doença não está dada pelo estudo de sua aparência nos indivíduos, mas na medida em que o processo se dá na coletividade humana. Isto é, a natureza social da doença não se verifica no caso clínico, mas no modo característico de adoecer e morrer dos grupos humanos. [...] antes de discutir como definir os grupos a serem estudados, deve ser possível verificar as diferenças nos perfis patológicos ao longo do tempo como resultado das transformações da sociedade. Da mesma forma, as sociedades que diferem em seu grau de desenvolvimento e organização social devem apresentar uma patologia coletiva diferente. Finalmente, dentro de uma mesma sociedade, as classes que a compõem apresentarão condições de saúde diferentes¹⁹. (trad. livre)

Como processo, não podemos separar saúde e doença, porquanto elas coexistem; uma justifica a existência da outra, porque só existem em relação. Como afirma Rezende (1989), ninguém está absolutamente são, nem absolutamente doente, mas em processo. Saúde e doença são dois

¹⁸ No original: *La determinación social va y viene dialécticamente entre las dimensiones general, particular y singular: se reproduce de lo general a lo particular, y se genera de lo particular a lo general. En el proceso se dan formas de subsunción en las cuales los procesos de la dimensión más simple se desarrollan bajo subsunción respecto a las más complejas y entonces aparece que la relación social-natural, o social-biológico ocurre como un movimiento entre partes de un todo concatenado que es la naturaliza* (BREILH, 2013, p. 20).

¹⁹ No original: *La mejor forma de comprobar empíricamente el carácter histórico de la enfermedad no está dada por el estudio de su apariencia en los individuos sino en cuanto al proceso que se da en la colectividad humana. Es decir, la naturaleza social de la enfermedad no se verifica en el caso clínico sino en el modo característico de enfermar y morir de los grupos humanos. [...] antes de discutir cómo construir los grupos por estudiar, debería ser posible comprobar diferencias en los perfiles patológicos a lo largo del tiempo como el resultado de las transformaciones de la sociedad. Asimismo, las sociedades que se distinguen en su grado de desarrollo y de organización social, deben exhibir una patología colectiva diferente. Finalmente, dentro de una misma sociedad las clases que la componen mostrarán condiciones de salud distintas* (LAURELL, 1982, p. 8).

momentos de um mesmo processo e o fato de uma ou outra predominar, depende do recorte singular que se analisa ou enfrenta.

Frida traz esse elemento processual de unidade dos opostos ao colocar, no mesmo pano de fundo, um rio de água (a saúde) e um rio de sangue (a doença). O seu autorretrato está situado exatamente entre os dois rios, revelando o caráter processual, porque dialético, vivido pelos enfermos, que somos todos nós, ali representados por Frida. Ressaltemos que as figuras que aludem ao comunismo estão do lado esquerdo da tela, mesmo lado do rio de água que, ao nosso ver, representa a saúde.

Com esse horizonte, as práticas de saúde, sem precisar abandonar sua fundamentação nas Ciências Biológicas, alcançam um novo patamar, pois devem se constituir como intervenções sociais, coletivas. Desse caráter social, destaca-se a sua faceta política, tendo em vista o caráter de classes (logo, antagônico) que marca o complexo fundante da sociedade capitalista, o trabalho alienado²⁰. Aqui, entenda-se política como complexo social amplo, consubstanciado em conjunção à cisão das sociedades em classes e que, por isso, diz respeito ao processo de lutas entre elas. É um complexo social que ultrapassa, portanto, o nicho político-partidário ou, ainda, meramente estatal, mas que diz respeito a como essa força totalizante de controle político, o Estado, está em determinação recíproca para com a sociedade civil (SARTORI, 2020).

Sem perder de vista essa amplitude, o caráter político da saúde – retratado por Frida e teorizado pela Medicina Social Latino-americana – assume, também, formas mais específicas, a exemplo das lutas por políticas sociais de saúde. De acordo com Paim (2008), a Reforma Sanitária brasileira, da qual se originou a proposta original do Sistema Único de Saúde (SUS), tem raízes teóricas oriundas, também, da Medicina Social Latino-americana, incorporando uma concepção mais ampla de saúde e,

²⁰ O trabalho alienado é a forma típica do trabalho no capitalismo, baseado na compra e venda da força de trabalho e, a partir disso, valorização do valor. Nesse processo, o produto do trabalho (no capitalismo, mercadoria) passa a ser algo alheio às efetivas necessidades de quem o produziu, consubstanciando uma força fetichizante que inverte a relação entre criador e criatura. As mercadorias, criaturas dos trabalhadores, passa a dominá-los. Esse mecanismo de dominação abstrata retroalimenta o processo de exploração e a desigualdade social que dele se desdobra (LUKÁCS, 2013).

portanto, práticas socialmente referenciadas. É imprescindível que o movimento mais específico de lutas por saúde não se desconecte do horizonte mais genérico, das lutas contra o capital, tanto que o movimento pela Reforma Sanitária mirava a construção do socialismo, consoante explícito, inclusive, no Relatório Final da 8ª Conferência Nacional de Saúde. Embora o movimento tenha assumido contornos reformistas, há de se reconhecer o esforço no sentido da referida conexão (PAIM, 2008).

Pensando nessa perspectiva mais ampla, podemos reconhecer o caráter político da obra de Frida como algo que transcende a polarização da época, embora a perpassa. A tela reflete o antagonismo de classe do capitalismo (particularizado na saúde) e aponta um horizonte de revolução política com alma social (MARX, 2010), uma vez que o marxismo dará saúde aos enfermos na medida em que transformar aquele pano de fundo, inerentemente adoecedor. A equalização do processo saúde-doença comparece como particularidade desse processo, quando as mãos do marxismo amparam Frida, possibilitando livrar-se das muletas, o que abre um horizonte para a emancipação da saúde ante o capital e, portanto, para práticas de saúde destituídas de seu caráter alienado, simplista e mercantil, tão bem representado pela perspectiva biomédica hoje hegemônica.

É claro que a crítica de Frida ultrapassa a particularidade da saúde (em especial, dos enfermos), pois aponta para a possibilidade de a sociedade se libertar de todas as mazelas sociais típicas do capitalismo e, como acrescenta Rico Cervantes (2004), também do patriarcalismo. Da mesma forma, a Medicina Social Latino-americana mirou transformações do processo saúde-doença que só podem ter lugar quando em conjunção à transformação societária desde as suas bases. Trata-se de um horizonte histórico, possível e necessário, no sentido de libertar a humanidade dessa doença chamada capital.

4 Considerações finais

É preciso destacar que não há correspondência histórica entre a obra de Frida e o desenvolvimento histórico da Medicina Social Latino-americana, tampouco há uma influência direta. Nossa reflexão foi apenas no sentido de destacar que, partindo-se de uma matriz teórico-metodológica comum (o marxismo) para analisar o mesmo objeto (a relação entre saúde e sociedade), Frida e os teóricos da Medicina Social Latino-americana contribuíram para desenvolver a mesma ideia-chave e apontar para o mesmo horizonte.

A ideia-chave é de que o processo saúde-doença, no capitalismo, é determinado pelo antagonismo entre capital e trabalho. O horizonte é a superação do capitalismo, para o qual o marxismo tem enorme potencial de contribuição. Com efeito, arte e ciência podem e devem contribuir para a compreensão e transformação da realidade social, inclusive no campo da saúde.

Ademais, é necessário destacar a atualidade da ideia-chave aqui defendida. É claro que houve transformações no modo de produção desde a década de 1950 aos dias atuais. Contudo, também há fios de continuidade tecidos na esfera da essência do trabalho alienado e dos demais complexos sociais a ele correspondentes. Basta olharmos a crise sócio-sanitária vivida, mundialmente, desde 2020 com a pandemia da *Coronavirus Disease 2019* (Covid-19), crise essa que lançou uma lupa para a relação de reciprocidade entre saúde e relações sociais.

Questões contemporâneas como o desmonte das políticas sociais de saúde, a precarização das relações de trabalho (e suas consequências para a saúde dos trabalhadores) e os efeitos da crise ambiental se revelam expressões do modo de produção e de seu antagonismo fundamental. Por essa razão, essas questões assumem eminência na agenda atual da Saúde Coletiva de viés crítico.

A ideia-chave em questão, portanto, sem cair no anacronismo, renova-se e permanece sendo um ponto fulcral para entender e

transformar o processo saúde-doença, ainda que por mecanismos que estão, permanentemente, em metamorfose.

5 Referências

AMEZCUA, Manuel. Frida Kahlo o la estética del padecimiento. **Index de Enfermería, Granada**, v. 13, n. 46, p. 64-68, 2004. Disponível em: https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1132-12962004000200014. Acesso em: 06 abr. 2023.

BREILH, Jaime. **Epidemiologia: economia, medicina y política**. Cidade do México: Fontamara, 1989.

BREILH, Jaime. La determinación social de la salud como herramienta de transformación hacia una nueva salud pública (salud colectiva). **Revista Facultad Nacional de Salud Pública**, v. 31, supl. 1, p. 13-27, 2013.

CARMONA MORENO, Luz Dary. La determinación social, una visión epistemológica para comprender el proceso salud-enfermedad. **Revista Ciencias de la Salud**, v. 18, n. especial, p. 1-17. 19 mai. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/revsalud/a.9135>. Acesso em: 08 abr. 2021.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; ALMEIDA FILHO, Naomar de. Normal-patológico, saúde-doença: revisitando Canguilhem. **Physis**, v. 9, n. 1, p. 13-36, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73311999000100002>. Acesso em: 01 feb. 2022.

DONNANGELO, Maria Cecília; PEREIRA, Luiz. **Saúde e Sociedade**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976

LAURELL, Asa Cristina. La salud-enfermedad como proceso social. La salud-enfermedad como proceso social. **Revista Latinoamericana de Salud**, n. 2, p. 7-25, 1982.

LAURELL, Asa Cristina; NORIEGA, Mariano. **Proceso de produção e saúde: trabalho e desgaste operário**. São Paulo: Hucitec, 1989.

LESSA, Sérgio. Notas sobre a historicidade da essência em Lukács. **Novos Rumos**, v. 30, p. 22-30, 1999.

LESSA, Sérgio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MACEDO, Vanessa Freitas de Paiva. **Frida Kahlo: Entre Chagas e Borboletas**. Orientador: Julia Ziviani Vitiello. 2008. 92 f. Dissertação – Mestrado em Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MARX, Karl. **Glosas críticas marginais ao artigo O Rei da Prússia e a Reforma Social. De um prussiano**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl. **O Capital - crítica da economia política**. Tomo I. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988a.

MARX, Karl. **O Capital - crítica da economia política**. Tomo V. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988b.

MENDES-GONÇALVES, Ricardo Bruno. **Tecnologia e organização social das práticas de saúde: características tecnológicas do processo de trabalho na rede estadual de centros de saúde de São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec/Abrasco, 1994.

MERHY, Emerson Elias. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo**. São Paulo: Hucitec, 2007.

MÉSZÁROS, István. **Para além do Capital: rumo a uma teoria da transição**. 1ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

MIRANDA, Ary Carvalho de. **Reflexões acerca da situação e dos problemas referentes à crise socioambiental e seus reflexos à saúde humana**: uma contribuição a partir do materialismo histórico e dialético. Orientadores: Josino Costa Moreira e Anamaria Testa Tambellini. 2012. 263 f. Tese - Doutorado em Saúde Pública e Meio Ambiente, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012.

NUNES, Everardo Duarte. Juan César García: a medicina social como projeto e realização. **Ciência & saúde coletiva**, v. 20, n. 1, p. 139-144, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014201.17312014>. Acesso em: 25 jan. 2022.

NUNES, Everardo Duarte. Saúde Coletiva: história e paradigmas. **Interface**, v.2, n.3, p. 107-116, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32831998000200008>. Acesso em: 25 jan. 2022.

PACHECO, Froehlich Luana. **Frida Kahlo y la Cultura Pop: Posibles implicaciones de la utilización de la iconografía en clase de ELE**. Orientador: Foschiera, Silvia Maturro Panzardi. 2019. 128 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Letras, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

PAIM, Jairnilson. **Reforma sanitária brasileira: contribuição para a compreensão e crítica**. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.

PAIM, Jairnilson; ALMEIDA FILHO, Naomar de. Saúde coletiva: uma "nova saúde pública" ou campo aberto a novos paradigmas? **Revista de Saúde Pública**, v. 32, n. 4, p. 299-316, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101998000400001>. Acesso em: 25 jan. 2022.

REZENDE, Ana Lúcia Magela de. **Saúde: dialética do pensar e do fazer**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

RICO CERVANTES, Araceli. **Frida Kahlo: fantasía de un cuerpo herido**. 3ª reimpr. Ciudad de México: Plaza y Valdés editores, 2004.

SANTOS, Deribaldo. Trabalho, cotidiano e arte: uma síntese embasada na estética de Georg Lukács. **Estudos avançados**, v. 31, n. 89, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890025>. Acesso em: 07 abr. 2023.

SARTORI, Vitor Bartoletti. Política, gênero humano e direitos humanos na formação do pensamento de Karl Marx. **Revista Direito e Práxis**, v. 11, n. 4, p.2440-2479, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2179-8966/2019/43146>. Acesso em: 30 jan. 2022.

SOUZA, Diego de Oliveira. **Saúde do(s) trabalhador(es): análise ontológica da “questão” e do “campo”**. Maceió: Edufal, 2019.

SOUZA, Diego de Oliveira. O caráter ontológico da determinação social da saúde. **Serviço Social & Sociedade**, n. 137, p. 174–191. jan. - abril 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.207> Acesso em: 08 abr. 2020.

TAMBELLINI, Anamaria Testa. **Contribuição à análise epidemiológica dos acidentes de trânsito**. Orientador: Ruy Laurenti. 1975. 224 f. Tese – doutorado em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1975.

TONET, Ivo. **Método científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

VARGAS GARCÍA, Kelly. Frida Kahlo, sobre vestido y cuerpo en psicoanálisis. **Análisis. Revista Colombiana de Humanidades**, v. 54, n. 100, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5155/515570457005/515570457005.pdf>.

Acesso em: 06 abr. 2023.